

5. Conclusão

Os constructos responsáveis pela fundamentação teórica da neuropsicologia foram, em grande parte, constituídos a partir da convergência de várias ciências, tais como, na medicina, a neurologia, neuroanatomia e neuroquímica, fisiologia e psicologia (Andrade & Santos, 2004). Dessa forma, compreender a neuropsicologia requer um percurso histórico desde os estudos iniciais da história da mente e do cérebro. Como vimos no Capítulo 2, o estudo da mente humana foi alvo de muito interesse desde a Antiguidade. Inicialmente, a grande questão era onde ela se localizava e, somente após alguns anos, os estudos buscaram entender o seu funcionamento.

Com a afirmação de que o cérebro é que controla as funções do corpo, surgiu a ideia de relacionar estruturas cerebrais e funções mentais. Nesse contexto, a frenologia, ou seja, a teoria que afirma que as faculdades mentais humanas estão sediadas em áreas cerebrais particulares e estritamente localizadas, ganhou destaque na época e abriu caminho para vários outros estudos que buscavam a localização das funções mentais. No entanto, por não levar em consideração a complexidade da mente humana, a teoria da localização deixou lacunas que a levaram ao fracasso.

Com o estabelecimento da neuropsicologia como campo integrador de várias áreas, um novo e mais preciso método de investigação individual do sistema nervoso e suas complexas formas de atividades foi desenvolvido. Com os estudos de Alexander Luria (1981), houve uma tendência mundial em formalizar um modelo dinâmico, abordado no Capítulo 3, que analisa a interação cérebro-comportamento. Suas teorias tinham base na história e cultura do desenvolvimento humano, com ênfase na organização sistêmica de processos psicológicos e na compreensão da estrutura interna dos processos mentais. Sendo assim, seus estudos definiram o trabalho da neuropsicologia como sendo o da ciência da organização cerebral dos processos cognitivos, em modelos culturais e da psicologia do desenvolvimento.

Luria trouxe importantes contribuições não só no entendimento do complexo funcionamento da atividade mental humana, mas também no

desenvolvimento de um modelo de avaliação neuropsicológica que transcendia o objetivo primário de detectar, localizar e caracterizar uma disfunção. Embora as ideias de Luria fossem reconhecidas como importantes no desenvolvimento e na prática da neuropsicologia, o surgimento da avaliação neuropsicológica foi pautado numa abordagem psicométrica, ou seja, quantitativa. No entanto, utilizar apenas a abordagem quantitativa na avaliação das funções mentais pode ser tão reducionista quanto a teoria da localização, cometendo-se, portanto, um erro equivalente.

Tendo em vista todo o histórico da neuropsicologia e seus objetivos, podemos supor que ela seria a ciência mais indicada integrar a psicologia às neurociências. Contudo, para que isso ocorra, é necessário um trabalho árduo para que as peculiaridades de cada sujeito não sejam esquecidas, dentro de uma avaliação quantitativa. Visando preencher as lacunas deixadas pela avaliação quantitativa, é que a avaliação qualitativa torna-se fundamental, já que é por meio dela que a avaliação do sujeito como um todo é possível. Vale ressaltar que o presente trabalho não teve a pretensão de minimizar a importância da abordagem quantitativa, mas sim de apontar a importância da avaliação qualitativa na avaliação neuropsicológica.

Com o objetivo de averiguar a presença da avaliação qualitativa na prática da avaliação neuropsicológica, foi construída uma entrevista semiestruturada com 16 questões. A sua elaboração foi uma tarefa complexa, devido à escassez de bibliografia e à ausência de um modelo de entrevista semiestruturada sobre o assunto. Outra dificuldade encontrada foi o fato de poucos psicólogos realizarem a avaliação neuropsicológica. Soma-se a isto, o fato de que nem todos os profissionais contactados mostraram-se disponíveis em colaborar com o trabalho, justificando assim, a pequena amostra deste trabalho.

Embora o número de participantes tenha sido pequeno, os neuropsicólogos que colaboraram forneceram informações importantes da sua prática na avaliação neuropsicológica. As respostas dos psicólogos entrevistados possibilitaram criar princípios de classificações, conjuntos de categorias e seus respectivos percentuais. Esses resultados foram expostos e discutidos no Capítulo 4, onde também foi descrita toda a metodologia deste trabalho. A partir da análise dos dados, conclui-se que a avaliação qualitativa está presente em:

- 36% como uma das funções principais da avaliação neuropsicológica.
- 45% como um dos aspectos avaliados na avaliação neuropsicológica.
- 64% na forma de coletar informações sobre a história de vida do paciente.
- 36% ao associar alterações emocionais na avaliação qualitativa do comportamento.
- 73% no que se refere à influência do comportamento no resultado da avaliação neuropsicológica.
- 82% nos laudos.
- 27% como falhas da avaliação neuropsicológica.

Apesar de 73% dos psicólogos entrevistados reconhecerem a influência do comportamento no resultado da avaliação neuropsicológica e 82% mencionarem a avaliação qualitativa no laudo, apenas 45% mencionaram uma avaliação qualitativa além da avaliação quantitativa na avaliação das funções cognitivas. Este resultado demonstra que, apesar da importância dada à avaliação qualitativa pelos psicólogos entrevistados, ela ainda está muito aquém da importância dada à avaliação quantitativa.

Outro dado interessante é que apenas 36% das respostas apontaram alterações emocionais, quando perguntado sobre quais os aspectos do comportamento que eles observavam durante a avaliação neuropsicológica. Dessa forma, as alterações emocionais mostraram-se pouco importantes no processo de avaliação, uma vez que não apareceram de forma significativa no discurso espontâneo dos profissionais entrevistados. Vale ressaltar que, embora a pergunta tenha sido sobre a observação do comportamento, considera-se que, na avaliação neuropsicológica, as alterações emocionais, muitas vezes, podem ser verificadas por comportamentos observáveis, como, por exemplo: expressões faciais, postura, entonação da voz, entre outros.

Diante de tantas questões complexas relacionadas à avaliação neuropsicológica, algumas até discutidas neste trabalho, surpreende o fato de 18% das respostas apontarem ausência de falhas na avaliação neuropsicológica. Esse resultado nos permite concluir que há profissionais que realizam a avaliação neuropsicológica e que talvez conheçam pouco sobre a base teórica da

neuropsicologia, em especial das funções cognitivas e mentais. Sendo a avaliação qualitativa pouco valorizada nessa área, acredito que seja contraditório afirmar que a avaliação neuropsicológica é um exame sem falhas.

Em suma, o presente trabalho nos permite concluir que, em se tratando da avaliação neuropsicológica, tanto a avaliação quantitativa quanto a qualitativa são abordagens necessárias, porém, isoladamente, em muitas circunstâncias elas são insuficientes para abarcar toda a realidade observada. Portanto, elas podem e devem ser utilizadas como complementares. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa (Minayo e Sanches, 1993). Nesse contexto, eis algumas sugestões para trabalhos futuros: (1) aumentar a amostra, permitindo maior clareza sobre a importância da avaliação qualitativa na prática dos neuropsicólogos; e (2) verificar nos laudos neuropsicológicos de que forma a avaliação qualitativa está presente.